

_____ **OLHARES:** _____

MÁRCIO DE PAULA FILGUEIRAS*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE
BOLSA CAPES/FULBRIGHT ENTRE 2010
E 2011: INTERNACIONALIZAÇÃO DO
CONHECIMENTO, ASPECTOS INSTITUCIONAIS E
INFORMAIS DA EXPERIÊNCIA DE "ESTAR LÁ"

Resumo: Neste artigo reunirei alguns aspectos da minha experiência durante o período da bolsa sandwich Capes/Fulbright da qual usufruí durante 9 meses como estudante visitante na Universidade de Stanford, na Califórnia, EUA, entre os anos de 2010 e 2011, sob supervisão do professor James Ferguson, do departamento de Antropologia. Tratam-se de aspectos que não pude prever antes da viagem e que considero relevantes para pessoas que pretendam passar pelo mesmo tipo de experiência. Vou reunir aqui tanto aspectos pessoais quanto aspectos mais formais e profissionais da experiência. Como sabemos, para nós antropólogos estes aspectos são difíceis de dissociar e têm importância relevante para os resultados da pesquisa.

Palavras-chave: Internacionalização - aspectos institucionais - aspectos informais

Abstract: In this article I discuss some aspects of my experience during the Capes/Fulbright grant which I enjoyed for 9 months as a visiting students at Stanford University, California, USA, between the years 2010 and 2011, under the supervision of Professor James Ferguson. These are aspects that I could not predict before the trip and that I consider important for people wishing to go through the same kind of experience. I'll point out both personal and professional aspects of the experience. As we anthropologists know, these aspects are difficult to dissociate and have important consequences for research results.

Keywords: Internationalization - institutional aspects - informal aspects

* Márcio De Paula Filgueiras. Doutor em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (2012). Professor substituto no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisador do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INCT-Ineac)

INTRODUÇÃO

Neste artigo reunirei sucintamente alguns aspectos da minha experiência durante o período da bolsa sandwich Capes/*Fulbright* da qual usufruí durante 9 meses como estudante visitante na Universidade de *Stanford*, na Califórnia, EUA, entre os anos de 2010 e 2011, sob supervisão do professor James Ferguson¹ do Departamento de Antropologia. Tratam-se de aspectos que não pude prever antes da viagem e que considero relevantes para pessoas que pretendam passar pelo mesmo tipo de experiência. Vou reunir aqui tanto aspectos pessoais quanto aspectos mais formais e profissionais da experiência. Como sabemos, para nós antropólogos estes aspectos são difíceis de dissociar e têm importância relevante para os resultados da pesquisa.

A primeira coisa que quero destacar é que apesar do nome *sandwich* que atribuíamos a este tipo de bolsa remeter a uma palavra de origem anglo-saxã, não existe *sandwich* como tipo de bolsa de estudo nos EUA e era com uma expressão de estranhamento que meus interlocutores recebiam minha tentativa de explicar meu status na Universidade de *Stanford* através da referência à categoria “bolsista sandwich”, muitas vezes através da frase: *I have a sandwich scholarship*.

Realmente, a questão do meu status naquela Universidade pareceu pouco clara desde o próprio formulário DS 2019², preenchido não por mim, mas pela Comissão *Fulbright* e que é pré-condição para o tipo de visto de estudante que tive, que continha mais de cinco categorias, como *visiting scholar*, *visiting researcher*, *visiting student* e etc. Não havendo correspondência formal à “bolsa *sandwich*” nas categorias do universo acadêmico norte americano, a referência a todos estes status parecia tentar cobrir todo o escopo possível de lugares nos quais eu poderia me encaixar naquela universidade.

Assim, o primeiro aspecto que quero destacar a respeito desta experiência é que ela não possui muitas exigências formais e quero explorar algumas consequências disso. Como já afirmei, a primeira coisa que expressa isso é que, uma vez em *Stanford*, tive dificuldade em esclarecer qual era meu status na Universidade. Mas, além disso, não há demandas formais por parte da Capes ou da Comissão *Fulbright* sobre o tipo de atividades que você deva obrigatoriamente realizar durante este estágio.

¹ Como parte do doutorado em Antropologia realizado na Universidade Federal Fluminense, sob orientação de Roberto Kant de Lima e co-orientação de Ronaldo Lobão, e que deu origem à tese intitulada “Aspectos processuais dos direitos ambientais do Brasil e dos Estados Unidos da América: produção da verdade, acesso a direitos e interesse público em perspectiva comparada”.

² Exigido pela Embaixada dos Estados Unidos da América.

O que quero destacar é que o aspecto formalmente “frouxo” da categoria bolsita *sandwich*, que não possui correspondência fácil nas categorias norte-americanas, possui consequências sobre a experiência do bolsista: em alguns momentos pode dificultar o usufruto de alguns *privileges*, como o acesso a determinadas bibliotecas por exemplo, mas, por outro, lhe dá bastante liberdade para organizar sua estada e sua pesquisa, sentimento reforçado pelo distanciamento físico e social experimentado com a viagem.

Me apercebi desta indefinição do meu status desde do momento em que me apresentei ao Departamento de Antropologia da Universidade³. Mas foi quando me dirigi ao um setor específico da Universidade, com o objetivo de emitir uma carteira de identificação, uma *I.D.*, para poder ter acesso a *privileges* como bibliotecas, ginásio de esportes, etc, que fui informado pela funcionária de que meu status não estava claro para ela e que só me forneceria a *I.D.* porque eu carregava credenciais da *Fulbright*, comissão que possui muito prestígio naquele país e que, como fiquei sabendo posteriormente, financiava a pesquisa de alguns colegas do Departamento. Acabei ficando *visiting scholar*, que na verdade não designa a minha categoria “real” já que depois aprendi que um *scholar* naquele contexto universitário específico é, geralmente, alguém que já possui um grau de Phd.

Além deste aspecto formal, senti que meu lugar naquele contexto era diferente da maior parte das pessoas com quem interagi porque eu dispunha de muita liberdade para participar, por exemplo, como ouvinte de cursos, como o fiz no departamento de Direito, em função dos interesses da minha pesquisa, ao mesmo tempo em que não possuía responsabilidades a cumprir perante aquela Universidade. Por diversas vezes tive a impressão que as pessoas não entendiam direito o que eu estava fazendo ali. Neste sentido, a categoria liminaridade⁴ – comumente usada para descrever as experiência de “estar lá”- possuía conotações particulares naquele caso, em função do meu status acadêmico indefinido.

No entanto, o ambiente do Departamento de Antropologia de *Stanford* foi bastante receptivo a mim, já que me permitiu participar semanalmente dos seminários, chamados *brown bags*, quando pude inclusive apresentar minha pesquisa. *Brown bags* é uma referência às sacolas de papel reciclável onde a comida comprada na Universidade é geralmente embalada *to go*, ou seja, para ser consumida fora do restaurante. Assim, me chamou a atenção o fato de que, diferente do que ocorre no Brasil, lá não havia problema em comer no espaço em que acontece um seminário. Em nosso

³ Onde os funcionários da área administrativa foram muito solícitos e gentis comigo.

⁴ Turner, Victor. *The ritual process*. Cornell University Press. Ithaca, 1977.

país, a alimentação e o seminário geralmente estão separados em espaços e momentos diferentes.

Por outro lado, em nosso país, apesar de ser ilegal fumar em espaços fechados, não é raro encontrar professores que peçam licença e fumem seu cigarro à porta, dentro do prédio da Universidade. Neste sentido, fica claro como a noção de contaminação, no sentido simbólico, se expressa sobre diferentes contextos e práticas sociais nos dois países⁵. Além disso, este exemplo mostra como no Brasil há uma diferença corrente entre as leis formais que regulam os espaços públicos e as moralidades que regulam as apropriações que os atores fazem destes espaços no cotidiano. Como observei, nos EUA esta distância entre lei e moralidade parece ser menor, o que expressa uma tradição jurídica mais baseada no consenso⁶ do que a nossa, onde as leis recorrentemente são estranhas aos atores sociais a quem se aplicam.

Além dos *brown bags*, tive a oportunidade de participar de uma série de atividades não formais com os alunos, quando pude conhecê-los pessoalmente e um pouco de suas pesquisas. Destaco os encontros que realizávamos na casa de uma colega estudante em que assistíamos filmes norte-americanos selecionados segundo critérios orientados pelo interesse em rir de situações esdrúxulas, como a retratada em um filme que se inicia com uma cena em que “comunistas” descem de helicóptero e começam a atirar deliberadamente contra alunos de uma escola. Como percebi, o interesse em fazer piada de certa produção cinematográfica da própria sociedade expressava algo que identifiquei como recorrente entre os alunos da linha social e cultural da Antropologia naquela Universidade que é o fato de serem bastante *self-conscious*⁷ sobre o papel do governo norte-americano na geopolítica mundial.

Além do Departamento de Antropologia de *Stanford*, uma outra instituição que teve um papel importante na minha inserção no ambiente universitário local foi o *Bechtel Center*, um centro que recebe estudantes estrangeiros e oferece apoio a estes e suas famílias, oferecendo aulas de inglês gratuitas. Além de disponibilizar opções de moradia, este centro me permitiu conhecer algumas famílias locais que realizavam trabalho voluntário no centro e

⁵ Douglas, Mary. Pureza e Perigo. Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu. Lisboa, Edições 70 (col. Perspectivas do Homem, n.º 39), s.d. (trad. por Sónia Pereira da Silva, Purity and Danger [1966])

⁶ Não quero sugerir com este comentário, no entanto, que naquele país as pessoas não experimentem sentimentos de injustiça. Na verdade, o que sugiro é que a ideologia que legitima as leis nos EUA está baseada na suposição de um consenso. No Brasil, por outro lado, o direito reproduz seu capital simbólico por expressar a reflexão iluminada de especialistas.

⁷ Em uma tradução livre, “preocupados” ou “auto-conscientes”.

que reuniam ao redor de si diversos estudantes estrangeiros com os quais pude interagir em diversas ocasiões como almoços e jantares.

Cabe destacar aqui que os jantares nas casas destas pessoas obedeciam a uma lógica que expressava uma extensão do *Bechtel Center*, nos quais os convites indicavam a hora do começo e do término do jantar e, em uma das ocasiões, com a distribuição de etiquetas em que indicávamos nossos nomes e países de origem. Assim, se no Brasil estamos acostumados a identificar momentos em que a lógica personalista, da casa, invade os espaços formalmente impessoais, republicanos, da rua, naquele contexto pude identificar a lógica do espaço impessoal, da Universidade, englobando o espaço da casa das famílias que nos recebiam⁸. Neste sentido, frequentar a casa destes anfitriões não implicava necessariamente em “intimidade”, mas em uma extensão do espaço da Universidade, expressa, por exemplo, na identificação padronizada dos alunos através de etiquetas com nome e país de origem.

STANFORD E O CONTEXTO LOCAL DE PALO ALTO

Assim, na ausência de um vínculo formal bem delineado, procurei seja em instâncias institucionais, como aulas e *brown bags*, quanto nas situações informais descritas acima, me inserir no contexto acadêmico de *Stanford*. Isso me leva à segunda questão que gostaria de destacar, ou seja, a dificuldade em me inserir no contexto local da região de maneira que fosse além da rede de relações vinculadas à Universidade.

Como disse, morei por nove meses nos Estados Unidos da América, mais precisamente na cidade de *Mountain View*, no estado da Califórnia, situada na região conhecida como Vale do Silício, tornada famosa mundialmente por ser sede de empresas de serviços de internet e redes sociais como *Google* e *Facebook*. Cidades como *Mountain View* e *Palo Alto* são relativamente pequenas e próximas umas das outras, de modo que um brasileiro tem a impressão que está cruzando bairros enquanto passa de uma a outra.

Há um entusiasmo naquela região que é promovido por um tipo de empreendedorismo representado, por exemplo, por empresas como *Google*, cujos criadores afirmam possuir uma política horizontal e anti-corporativa e cujos funcionários também teriam se tornado milionários. A criatividade e dedicação de pessoas como Steve Jobs, fundador da empresa de produtos eletrônicos de consumo e programas de computador *Apple*, e Mark

⁸ DaMatta, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª edição. Rocco. Rio de Janeiro, 1997. Ver também: Vogel, A., Mello, M. A., Santos, C.N.F. et alii. *Quando a Rua vira Casa. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. Rio, IBAM/ FINEP, 1981.

Zuckerberg, fundador do *Facebook*, me pareceram também sinceramente admiradas, ainda que haja sempre comentários nos jornais sobre as repercussões legais de acusações sobre direitos autorais. Talvez não por coincidência um dos maiores escritórios de advocacia do mundo na área de patentes fique em Palo Alto⁹.

De qualquer maneira estes empreendedores são figuras públicas do Vale do Silício num sentido amplo, e estão em ampla evidência no cotidiano local, não só nas revistas de negócios ou tecnologia. Acredito que este tipo de entusiasmo empreendedor ao qual me refiro não é um traço exclusivo do Vale do Silício mas se aplica ao resto do país, porém toma significado especial naquele local por ser de fato onde estas empresas estão sediadas e empreendedores importantes têm domicílio.

Não é à toa que a figura de Mark Zuckerberg¹⁰ de sandália de dedo, moleton e bilhões de dólares encaixou-se tão bem na paisagem de Palo Alto. Esta mistura de genialidade inovadora, empreendedorismo e desdém pragmático pelas convenções me parece captar bem o espírito daquela região. Para não falar na ingenuidade criativa expressa pelas cores do *Google* ou pela citação de Steve Jobs¹¹ da máxima “*stay hungry, stay foolish*”¹² em seu discurso na Universidade de *Stanford* em 2005. A isto somem-se as vinícolas californianas do Napa Valley que terminam por dar o ar de sofisticação descontraída à região.

Palo Alto é sede da Universidade de *Stanford*. Trata-se de uma região que conheceu um crescimento econômico sobretudo a partir do pós-Segunda Guerra com as indústrias aeronáuticas e de informática. Tive a oportunidade de ouvir de moradores antigos da região sobre a transformação recente de seus arredores que há quarenta anos tinha características predominantemente rurais, tendo seu centro em *Stanford*, cujo *campus* é conhecido também como *The Farm*¹³. As pessoas que conheci e que moram há muitos anos na região me pareceram ter uma relação afetiva muito forte com a Universidade, independente de terem-na frequentado como estudantes.

⁹ Paul Hastings Janofsky & Walke, de acordo com informações de um morador de Palo Alto e professor da faculdade de Medicina de *Stanford*.

¹⁰ Presidente da rede social *Facebook*.

¹¹ Fundador da empresa de produtos eletrônicos de consumo e programas de computador *Apple*.

¹² Em uma tradução livre, a expressão designaria “mantenha-se faminto, mantenha-se tolo”. A expressão à qual Steve Jobs fez referência remete à edição de 1974 do “*Whole Earth Catalog*”. Trata-se de uma revista de contracultura bastante popular nas décadas de 1960 e 1970 à qual Steve Jobs referiu-se em seu discurso na Universidade de *Stanford* como a bíblia de sua geração. Seu discurso está reproduzido em: <http://news.stanford.edu/news/2005/june15/jobs-061505.html>

¹³ Em uma tradução literal, “a fazenda”.

Assim, quando me apresentava, em diferentes ambientes, como um estudante visitante vinculado ao Departamento de Antropologia de *Stanford* costumava ouvir comentários sobre o prestígio da Universidade e sobre o privilégio que era frequentá-la, mesmo não sendo um aluno efetivo. Na cidade de *Palo Alto* há bares, hotéis e estabelecimentos comerciais que fazem referência à Universidade e os locais torcem e acompanham o desempenho de *Stanford* via a vis outras Universidades do país na ciência e nos esportes.

Esse efeito englobador do ambiente acadêmico de *Stanford* sobre a cidade de Palo Alto me leva à segunda questão que gostaria de destacar a respeito de minha experiência internacional, qual seja, a dificuldade em interagir com os locais, ou seja, pessoas que não fossem estudantes de outros estados norte americanos ou estrangeiros. Como ouvi algumas vezes os próprios estudantes comentarem, *Stanford* é uma “bolha social”, ou seja, é possível frequentar aquele ambiente acadêmico sem se familiarizar com outros setores da vida local de Palo Alto que não estejam ligados diretamente à Universidade.

O problema que eu enfrentava, neste sentido, é que, seja interagindo com os estudantes do Departamento de Antropologia ou com os estudantes estrangeiros do *Bechtel Center*, continuava com dificuldades em interagir com moradores locais. Isso se colocava como uma questão importante para mim porque o motivo da minha viagem não era somente ser socializado em um outro ambiente acadêmico, mas compreender como as ações judiciais coletivas naquele país, objeto da minha pesquisa, eram percebidas por pessoas afetadas por políticas públicas como a construção de um trem de alta velocidade que acompanhei.

Foi frequentando as reuniões da Prefeitura de Palo Alto que pude identificar uma maior diversidade de segmentos que compunham a sociedade local ao acompanhar as discussões relativas ao caso do *High Speed Rail Project*¹⁴. Trata-se do projeto de construção de um trem de alta velocidade que estava sendo alvo de ações judiciais por grupos e cidades em função da forma como sua realização estava sendo conduzida pela *High Speed Rail Authority*, agência estadual que não teria realizado estudos adequados sobre impactos de diversas ordens, inclusive ambientais. A partir de então passei a acompanhar as reuniões do *Peninsula Cities Consortium (PCC)* na cidade de Palo Alto, que reunia cidades afetadas pelo projeto e pude observar as discussões a respeito dos últimos acontecimentos a respeito da ação judicial, da realização do *Environmental Impact Report* (Relatório de Impacto Ambiental), além das demandas de moradores, etc.

¹⁴ Projeto do trem de alta velocidade.

Além disso a amizade que fiz com uma estudante de *Stanford*, funcionária da *Environment Protection Agency* (Agência de Proteção Ambiental) e também local de Palo Alto, me deu acesso a outros aspectos da vida local, que não estavam ligados diretamente à minha pesquisa. Através dela pude compreender melhor a concepção, tão frequente naquela região, entre uma preocupação com certas concepções de vida, relacionadas especialmente à *San Francisco Bay Area*, que têm articulado historicamente uma preocupação com a adoção de legislações e empreendimentos “green” (“verdes”, no sentido de “ecologicamente corretos”), comida orgânica e apreço pelo que consideram ser elementos espirituais da cultura de sociedades orientais (não é raro encontrar pessoas que praticam meditação ou tem simpatia pelo budismo), a partir de uma lógica de mercado, em que a crítica à reprodução do capitalismo não faz parte do idioma de suas concepções próprias de mudança social.

De fato, ao conversar em diferentes ocasiões com esta colega, que era mestranda no departamento multidisciplinar de *Earth Sciences* (Ciências da Terra), ela me disse que a abordagem econômica centrada no problema das “externalidades” foi predominante em sua formação acadêmica¹⁵. E, como pude perceber, os adversários do *High Speed Rail Project* pareciam estar mais orientados, de fato, por cálculos de custo e benefício do que preocupados com os efeitos de variáveis como classe e raça sobre as decisões do projeto.

Assim, foi fundamental buscar estratégias, e contar com as vicissitudes imprevisíveis do caminho, de modo a conhecer melhor a sociedade local para além dos laços sociais amplos e englobadores representados pela Universidade de Stanford, imperativo para o sucesso de minha empreitada científica.

QUESTÕES SUCITADAS PELA PARTICIPAÇÃO NA MESA DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Neste ponto gostaria de retomar algumas das questões que a Mesa sobre a Internacionalização do Conhecimento suscitou entre alguns colegas e que foram explicitadas por estes ao final das apresentações, destacando aqui as questões que foram direcionadas a mim pelo professor Lênin Pires, do Departamento de Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense.

¹⁵ O predomínio da teoria das “externalidades” é característico da abordagem econômica neoclássica, como apontado por Henri Acelrad em “Externalidade Ambiental e Sociabilidade Capitalista”. Esta teoria pressupõe o funcionamento de um mercado ideal e reduz todas as variáveis não econômicas – como os custos oriundos de danos ao meio ambiente ou acidentes de consumo de produtos industrializados – à categoria de “externalidades” cujos custos precisam ser administrados seja através de regulações governamentais, ou através de processos judiciais que determinem compensações financeiras, como pode ser observado amplamente nos Estados Unidos. Ver: Acelrad, Henri. *Externalidade Ambiental e Sociabilidade Capitalista. Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. Ied. São Paulo: Cortez, 1995, v. , p. 128-138 .

Lênin Pires levantou o problema de como se colocou naquele contexto a distinção entre a coleta e construção dos dados etnográficos. É claro que esta pergunta permite muito mais desdobramentos do que os previstos no espaço deste texto ou da Mesa, mas busquei destacar que na minha experiência a coleta de dados deu-se não só nos momentos em que eu me sentia mais conscientemente “em campo”, como nas reuniões na Prefeitura de Palo Alto, nas aulas de Direito que frequentei ou no estudo de textos legais norte americanos, mas em todos os outros momentos não diretamente ligados à pesquisa em que me situava no contexto mais amplo da sociedade local e que já descrevi neste texto.

O exercício da construção dos dados, no entanto, me pareceu constituir-se sobretudo no momento da escrita, em que todas as informações e experiências foram sendo interpretadas de modo a fazer sentido do ponto de vista da sociedade mais ampla que as suscitaram. Assim, gostaria de propor que é na contextualização proporcionada pelo exercício da escrita que tive a oportunidade de atribuir inteligibilidade antropológica a uma série de eventos que a princípio pareciam estranhos, desconfortáveis ou carentes de significado e que passaram a fazer parte de uma configuração mais ou menos coerente que busquei descrever em minha tese de doutorado.

Uma outra questão levantada por Lênin Pires foi sobre como fui percebido enquanto ser social no contexto da pesquisa ou, em outras palavras, como foi a experiência da alteridade explicitada nas interações nos Estados Unidos. Isto ficou claro sobretudo quando de minha chegada aos Estados Unidos em que a explicitação dos objetivos da pesquisa aos meus primeiros interlocutores nativos, não acadêmicos, eventualmente alcançava um momento de perplexidade, ainda que sob um clima descontraído e jocoso, com a fatídica pergunta: “Então você veio aqui nos estudar?” ou “Então, somos os índios da sua pesquisa?”. Dadas as relações de poder nas quais as relações entre Estados Unidos e Brasil estão historicamente inseridas, percebi que algumas pessoas, principalmente as que não tinham treinamento em Ciências Sociais, ficavam um pouco desconcertadas pela idéia de que sua sociedade - ou seja, eles próprios - pudessem ser objeto de pesquisa antropológica, ainda que isso fosse amenizado pela polidez descontraída da interação.

Uma terceira questão levantada por Lênin Pires diz respeito à lógica disciplinar que estaria presente no modelo de bolsa sandwich. Esta questão me parece ter sido suscitada e tratada de maneira apropriada pela apresentação de Frederico Policarpo, nesta mesma mesa, em que ele destacou algumas dificuldades enfrentadas por estudantes de Antropologia brasileiros que usufruem destas bolsas quando comparado aos colegas de *Stanford*, que

passam por uma preparação mais minuciosa antes de irem fazer pesquisa em outros países. Como tentei destacar na resposta ao colega Lênin, me parece que no caso brasileiro o modelo de bolsa sandwich enfatiza sobretudo o vínculo com a Universidade que receberá o estudante, invariavelmente localizada no Norte geopolítico do planeta. No entanto, isso faz muito mais sentido para os estudantes das Ciências Naturais, em que o acesso a laboratórios e equipamentos não acessíveis no Brasil fazem uma diferença relevante em suas pesquisas.

No caso de nós Antropólogos, ainda que a interação em um ambiente acadêmico como o de *Stanford* seja certamente enriquecedora, torna-se limitador o fato de que estas bolsas invariavelmente sigam o sentido Sul-Norte. Isso porque, como não necessitamos de equipamentos muito sofisticados, nossas pesquisas são feitas através de interações face-a-face, ou ainda através de pesquisa bibliográfica, rigorosamente qualquer país do mundo que nos conceda um visto é um laboratório possível para investigação antropológica. É nesse sentido que me parece que o modelo de bolsa sandwich, centrado em um deslocamento Sul-Norte, parece mais adequado à lógica investigativa das Ciências Naturais do que à pesquisa Antropológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, chegando ao fim deste relato, faço uma menção final aos dois aspectos que destaquei sobre minha experiência de “estar lá”. Por um lado, a constatação de que não existe correspondência na vida Universitária norte americana, ou ao menos em *Stanford*, à categoria “bolsista *sandwich*”. Como mostrei, isso se por um lado pode colocar limitações em relação ao acesso a *privileges* como bibliotecas. Como disse, no meu caso, as credenciais da Fulbright desempenharam um papel importante aí. Por outro lado, este status indefinido traz o benefício de que usufrui de bastante liberdade para organizar minha pesquisa, já que não haviam exigências formais a respeito das atividades que deveria necessariamente realizar durante o estágio.

O segundo aspecto que destaquei foi como a experiência em *Stanford* e o contato com diversos estudantes estrangeiros ou de outros estados norte americanos me impôs sempre o risco de ficar limitado à vida social universitária, quando o contato com a sociedade local mais ampla se colocou sempre como um imperativo para os objetivos da minha pesquisa. Assim, de uma maneira geral, gostaria de destacar que é preciso que o estudante em uma experiência de bolsa *sandwich* comporte-se como aquilo que Malinowski chamou de “caçador ativo e atento” e aproveite todas as oportunidades

de inserção em contextos institucionais e sociais, ainda que aparentemente eles não estejam diretamente ligados aos objetivos da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. Externalidade Ambiental e Sociabilidade Capitalista. Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável. 1ed. São Paulo: Cortez, 1995, v. , p. 128-138 .

DAMATTA, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5ª edição. Rocco. Rio de Janeiro, 1997.

DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu. Lisboa, Edições 70 (col. Perspectivas do Homem, n.º 39), s.d. (trad. por Sónia Pereira da Silva, Purity and Danger [1966]).

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos no arquipélago da Nova Guiné Melanésia. São Paulo, Abril Cultura, 1978 (Coleção Os Pensadores).

TURNER, Victor. The ritual process. Cornell University Press. Ithaca, 1977.

VOGEL, A., MELLO, M. A., Santos, C.N.F. et alii. Quando a Rua vira Casa. A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio, IBAM/FINEP, 1981.